

ENTREVISTA

Entrevista com Teresa Matus: história e fundamentos do serviço social no Chile

Tânia Regina Kruger¹<https://orcid.org/0000-0002-7122-6088>

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Docente titular do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Entrevista com Teresa Matus: história e fundamentos do serviço social no Chile

Resumo: Nesta entrevista, a professora Teresa Matus discorre sobre sua trajetória profissional e recorda momentos de sua formação intelectual, retomando os contextos históricos e referências conceituais do serviço social no Chile, na América Latina e no mundo. No diálogo com a entrevistadora, Teresa Matus descreve, no contexto da ditadura e da transição para a democracia, a trajetória de fechamento e reabertura do curso de serviço social na Universidade do Chile, bem como a construção do projeto pedagógico que visa uma sintonia entre ensino e prática da graduação e da pós-graduação, por meio dos Núcleos I+D+i — Investigación, Desarrollo e Incidencia Pública. Como uma protagonista contemporânea do serviço social chileno, a entrevistada problematiza conceitos que lhe parecem hegemônicos e aborda as diferentes perspectivas teóricas que moveram e movem o serviço social, agora centenário na América Latina.

Palavras chave: Serviço social, Chile; América Latina; formação de graduação e pós-graduação; NÚCLEOS I+D+i; intervenção.

Interview with Teresa Matus – Social Work in Chile: history and foundations

Abstract: In this interview, Professor Teresa Matus discusses her professional trajectory and recalls moments of her intellectual development, revisiting the historical contexts and conceptual frameworks of social work in Chile, Latin America, and the world. In her conversation with the interviewer, Teresa Matus describes, within the context of the dictatorship and the transition to democracy, the closure and reopening of the social work program at the University of Chile, and the development of the pedagogical project that aims to align teaching and practice at the undergraduate and graduate levels through the I+D+i Centers - Research - Development - Public Advocacy. As a contemporary protagonist of Chilean social work, the interviewee problematizes concepts that seem hegemonic to her and the different theoretical perspectives that have shaped and continue to shape social work, now a century old in Latin America.

Keywords: Social work; Chile; Latin America; undergraduate and postgraduate training; NÚCLEOS I+D+i; intervention.

Recebido em 06.03.2025. Aprovado em 25.08.2025. Revisado em 26.10.2025.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Introdução

A entrevista tem como objetivo abordar temas da formação e intervenção do serviço social chileno e latino-americano no contexto de comemoração dos 100 anos do serviço social na América Latina. A professora Dra. Teresa Matus é amplamente reconhecida, no Chile e na América Latina, por sua trajetória como docente e pesquisadora na área do serviço social e das políticas sociais. A entrevistada é trabajadora social, graduada pela Universidade de Concepción, Bío-Bío, Chile. Bacharel em Sociologia pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Sociais (ILADES), Santiago, Chile. Doctora en Trabajo Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doctora en Sociología pela Universidad Cándido Mendes, Rio de Janeiro (IUPERJ), Brasil. Desenvolve as linhas de investigação: innovación en política pública, calidad de programas sociales, intervención social, teorías en trabajo social, epistemología de las ciencias sociales. É coordenadora do Núcleo Innovaciones Efectivas en Políticas Públicas e professora associada do Departamento de Serviço Social, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Chile desde 2014, e decana da Facultad de Ciencias Sociales (FACSO) (2020–2026). Possui experiência anterior como professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Católica do Chile¹.

No marco de celebração dos 100 anos do serviço social no Chile e na América Latina, o pensamento de Teresa Matus é crítico e comprometido com o serviço social e as políticas sociais públicas. Suas produções são um convite a repensar tanto a disciplina como as políticas sociais, no contexto social conservador em ascensão, com base nas referências da economia política.

Nas reflexões desta entrevista, longe de qualquer linearidade, Teresa Matus problematiza dogmas e fetiches do serviço social chileno e latino-americano. Com seu jeito descontraído, não abre mão da realidade social como critério de verdade ao tratar dos problemas da desigualdade social. A entrevista foi realizada pela professora Tânia Regina Krüger, durante o período da visita docente na Universidade do Chile, entre maio e julho de 2024. Assim, na sequência, apresentamos a entrevista realizada² (Fotografia 1).

Entrevistadora – Professora Teresa, no site do Departamento de Trabajo Social da Universidad de Chile há um vídeo em que, por ocasião da reabertura do Curso em 2014, a senhora tem a seguinte frase: “o trabalho social em cada crise se reinventa. Essa é a história do serviço social” (FACSO UChile, 2017). Então, gostaria de começar essa conversa pedindo para explicar esta frase.

Teresa Matus - Você, por favor, me perdoa o portunhol e obrigada por fazer esta conversa. A ideia da reinvenção tem um espaço para a memória e para a continuidade do espírito. Reinventar as formas é para marcar posições. Por exemplo, não acredito na existência de uma nova questão social, pois temos problemas antigos completamente não resolvidos na América Latina e no Chile, em particular. Nos últimos 50 anos, por exemplo, a ditadura e as crises não produziram só uma marca material, mas também uma marca na subjetividade da população chilena, pois incentivaram a ideia da desconfiança na esfera pública. Antes não era assim.



Fotografia 1 – Momento da Entrevista em 19 de julho de 2024, FACSO/Uchile

Fonte: Acervo da autora.

Mas a crise segue sendo uma crise material, de desigualdade — não só em termos da redistribuição dos recursos para a pobreza, senão uma ideia de agravo moral³ e de discriminação — pois o Chile é um país muito liberal no material, mas ainda muito conservador nas formas de vida. Temos uma crise de continuidade: 500 anos sem resolver a situação dos povos originários. Mas agora é uma crise com formas de subjetividade e de materialidade diferentes. E, portanto, o serviço social, se deseja renovar e impulsionar uma forma de trabalhar o social hoje, tem que considerar tanto essa crise material como as mudanças da própria subjetividade, porque essas duas esferas são interdependentes e, contemporaneamente, apresentam novas complexidades. Hoje temos que considerar que parte fundamental da nossa crise política é porque a ideia de liberdade tem um rosto da extrema direita. Assim começo a introduzir a resposta: temos uma fratura na ideia de modernidade. Só podemos escolher a liberdade entendida como liberdade do indivíduo, não como maiores espaços de liberdade da sociedade. Mas essa liberdade tem um custo muito alto, que é sem liberdade e com nada de fraternidade. Essas ideias que vieram da Revolução Francesa emergem como um tipo de mentalidade não só pós-moderna, senão como uma modalidade antimoderna. Ideias antimodernas que fragmentam projetos de sociedade, como se vê claramente na Argentina com Milei, como se viu na experiência de Bolsonaro no Brasil e nas eleições nos Estados Unidos. A crise planetária dos recursos, das cidades e do desmatamento vai ser mais crítica ainda para as gerações futuras. Então, como trabalhar o social? Com um espírito crítico neste contexto, há de fazer um tipo de reinvenção. Não é possível ignorar a história e partir do zero para fazer mudanças no serviço social. Agora, o que é a reinvenção? Como fazer? Isso para dar início à conversa.

Entrevistadora – Você tem uma trajetória de vida vinculada à universidade. Considerando a história do Chile e da universidade, o que a ditadura deixou de herança ou que resulta desse processo?

Teresa Matus - Parto de uma resposta com a própria história do serviço social. É bom encaminhar essa pergunta frente aos 100 anos do serviço social latino-americano. Em 1925, o serviço social chileno emergiu na esfera da saúde pública. A história do serviço social chileno não passou de forma clássica, como ser apóstolo. O serviço social chileno não nasceu ao amparo da Igreja, nasceu ao amparo do hospital⁴. Esse tipo de trajetória a ditadura cortou pela raiz. O curso de serviço social na Universidade do Chile foi fechado. Foi assim que, no período da transição para a democracia, virou um mito — perseguido por muitos — que o serviço social na maior universidade pública (Universidade do Chile) poderia voltar a ser reinstalado. Eu, depois de voltar dos doutorados lá no Brasil⁵, trabalhei 25 anos na Universidade Católica do Chile. Sou muito agradecida desse espaço que permitiu desenvolver minha carreira acadêmica e as pesquisas. Nas comemorações dos 200 anos da República, a presidenta falou da possibilidade de que, no projeto do bicentenário, na Universidade do Chile, se contemplava a retomada do curso de serviço social. Fiquei animada. Logo, então, eu fiz um concurso público. A reabertura do curso de serviço social na Universidade do Chile é um projeto coletivo, foi construído em equipe faz 10 anos. O primeiro documento fizemos junto com a Antonieta Urquieta, Paula Vidal, Gabriela Rubilar, Caterine Galaz e eu. Este primeiro grupo, depois de fazer muita consulta pública, fomos para lá, para cá, diagnóstico internacional, decidimos não reinventar três tradições clássicas das escolas de serviço social no Chile: 1) nunca mais ensinar serviço social de caso, de grupo e de comunidade; 2) renovar/superar a ideia de prática, porque não se forma primeiro teoricamente e depois praticamente; 3) não fazer, por exemplo, disciplinas de família e nem toda aquela fila de cursos de prática. Assim, criamos a ideia dos Núcleos de pesquisa e de desenvolvimento de intervenções. Na dinâmica do curso, um estudante, no terceiro ano, escolhe um Núcleo — como de território, de gênero, de movimentos sociais ou de inovações na política pública. A proposta é que trabalhe na esfera da produção de conhecimento de forma interdisciplinar, pois os professores do Núcleo, com diferentes formações, trabalham em pesquisas conjuntas. A proposta dos Núcleos é que não sejam só para a graduação, mas também para a pós-graduação⁶. Em todos os Núcleos, o fundamento, o chão de onde parte a intervenção, é a pesquisa. Trabalhamos junto com estudantes de graduação e de mestrado (esperamos ter de presente para os 100 anos de serviço social o doutorado), temas e conteúdos que são nós críticos fundamentais, como os territórios, municípios e zonas de sacrifício — zonas onde se juntam todas as externalidades negativas. São territórios onde está a fábrica, o cárcere, ou seja, é todo um ecossistema contaminado por distintas externalidades negativas da desigualdade. Então, escolhemos trajetórias de vida de crianças ou de pessoas em situação de rua, pois a proposta não é apenas enfrentar a situação no nível das pessoas com quem se vai trabalhar, senão das implicações dos fenômenos macro — por exemplo, da violência doméstica, zonas sem trabalho, zonas sem água. Nas atividades dos Núcleos, nos perguntamos o que faz o serviço social, pois entendemos que não é pensar a pessoa ou os sistemas, senão que ter uma compreensão mais complexa dos

fenômenos e suas determinações. Assim termino a sua pergunta. Por exemplo, no Chile, desde o ano 2000, o presidente social-democrata Ricardo Lagos assumiu o conceito de vulnerabilidade como uma espécie de métrica do social. A ideia de vulnerabilidade definia pessoas — então tem meninos, mulheres, velhos e bairros vulneráveis. Ou seja, a ideia de vulnerabilidade está associada ao potencial de risco das pessoas, dos bairros e das comunidades. Eu luto de frente com esse tipo de teoria, porque compreendo que a riqueza dessas mudanças na formação, na pesquisa, na prática do serviço social está em fazer compreender que o que é vulnerável são os sistemas de proteção social — da saúde, da previdência, do trabalho — e não as pessoas ou os territórios isoladamente. Temos que mostrar que a herança da ditadura tem responsabilidade nas coisas que acontecem para a população, criou referência na sua subjetividade. Então, por exemplo, as famílias disfuncionais não são as que entregam os meninos, ou como falava o ministro do presidente Piñera, são as que não acordam mais cedo. Nesse sentido, o trabalho social tem que mostrar as armadilhas e determinações da pobreza, da discriminação, alterar essa compreensão, comunicar isso às pessoas. Assim, o objetivo dos Núcleos, trabalhando ativamente com pessoas, com comunidades, com bairros, é fazer com que as pessoas entendam que não são autorresponsáveis pela vida que têm. É muito miserável uma sociedade na qual as pessoas possuem imagem social de que a enfermidade é causada por seu descuido. Uma questão fundamental no serviço social para enfrentar esta crise é, certamente, ao trabalhar com as pessoas, fazer com que identifiquem a precariedade e os nós críticos dos sistemas de saúde, das condições de habitação, do município e do judiciário, por exemplo.

Entrevistadora - A senhora colocou as bases para a reorganização do curso de serviço social na Universidade de Chile. Como falar do serviço social no Chile para além da universidade, passando pela herança da ditadura, desde a origem na saúde e a reconceitualização no contexto latino-americano?

Teresa Matus - Temos que falar disso com distinção. Hoje, no Chile, o serviço social é muito diverso, não tem uma ou duas propostas orgânicas, ou uma proposta hegemônica. É uma fragmentação perigosa. Com a ditadura, o serviço social foi configurado como ofício técnico. Fizemos — e estamos numa luta — com os profissionais, como o Colégio Profissional, com as universidades, para aprovar uma lei de exclusividade universitária, para poder conseguir que o serviço social seja reconhecido como uma área profissional que exige graduação e pode também ter pós-graduação. A ditadura afetou duramente a pós-graduação. O Chile tem muitas universidades, porém são pequenos os corpos acadêmicos. Eu fiz o meu doutorado entre 1996 e 2000, e nesse tempo, as universidades quase não tinham doutores em serviço social. No país, temos 78 escolas de serviço social, porém 15% públicas e 85% privadas. É importante apresentar este percentual, porque o serviço social se divide entre essas duas grandes linhas e porque a concepção de universidade é diferente. Hoje tem 78 escolas, mas não tem 78 corpos acadêmicos, pois o curso de serviço social é majoritariamente ministrado por docentes de outras áreas. O sentido crítico do serviço social está vinculado à formação acadêmica em universidades, e não em cursos técnicos. A primeira pode ofertar uma formação mais atualizada — quando digo atualizada, não é na vanguarda do último artigo da Web of Science (WoS), senão atualizada na própria compreensão dos avanços, das resistências e das formulações no trabalho social global. Todavia, em muitos lugares, segue sendo uma formação refugiada em autores que escrevem em espanhol ou português incipiente. Dessa forma, não se olha o trabalho social de frente, para poder decidir e optar por determinada perspectiva. Essa é uma discussão que nem sequer tem um debate hegemônico no serviço social do Chile. O que acontece é que temos corpos acadêmicos com doutores, mas não em serviço social. Doutorados em outras disciplinas sociais têm um ponto virtuoso, que é a ideia de trabalhar o social em forma transdisciplinar. Porém, é impossível ter escolas de serviço social sem pessoas que se dediquem a estudar o serviço social.

No Chile, só temos um curso de doutorado em serviço social, iniciado em 2022, na Universidad Alberto Hurtado. Essa universidade é de jesuítas — não estou falando de forma negativa — mas significa uma marca e um tipo de perspectiva que se vinculou à Universidade de Boston, que também é jesuíta. Atualmente, tem um corpo acadêmico muito interessante, que se autonomizou dessa proposta e gerou o primeiro doutorado em serviço social. No entanto, em meados de 2024, a Alberto Hurtado entrou numa crise profunda e despediu 55 docentes e outros tantos funcionários/as. Já no caso da Universidade do Chile, estamos tentando abrir o segundo doutorado no país. À medida que o serviço social no Chile se alargou e perdeu suas referências conceituais e acadêmicas, ficou mais anacrônico, porque não tem em frente de si um conceito global e não dialoga com o que se produz sobre o serviço social na América Latina e na Europa. O serviço social no Chile está mais ou menos como um neurocirurgião que só conhece trabalhos latino-americanos de cirurgia.

Essa compreensão alargada não é para que você concorde, é para que possa entrar no debate e superar a marca do empobrecimento e do conservadorismo. O serviço social chileno não tem um corpo acadêmico que esteja hoje inteirado dos movimentos críticos, dos conservadores e das distintas perspectivas que perpassam a disciplina. E, conseqüentemente, tem muitas brechas na formação.

Entrevistadora - Sobre a ditadura e a redemocratização no Chile e no Brasil?

Teresa Matus – Vocês partem em 1964 e no Chile em 1973 até 1990 com ditadura. Foram 17 anos com repercussões até hoje. Depois o Chile fez dois intentos de reformular a Constituição de Pinochet e não conseguiu. E os dois intentos num período muito curto do tempo (2022 e 2023). Veio primeiro o estalido social que se conhece como a revolta de outubro (2019). E aí todo o mundo reivindicou, façamos uma nova Constituição e escolhemos fazer uma nova Constituição. A votação nacional em 25 de outubro de 2020, foi 80% para mudar a Constituição e 20% para ficar com a antiga. Escolhemos o/as delegado/as para parte da assembleia constituinte (Pichel, 2020). O processo foi compreendido pelas esquerdas do Chile como a possibilidade de que nós podemos refundar. Então, o primeiro projeto constitucional, a primeira proposta tocou subjetividades muito conservadoras, muito arraigadas na população, como a lei de aborto; não seguir com a estrutura legislativa de duas câmaras, a deputado e senadores; e, considerar os povos originários, criando uma nação plurinacional. Isso parece que foi demais para os 80% da população chilena que votou: *não queremos a Constituição de Pinochet*. Assim, o resultado da votação da primeira assembleia constitucional, em setembro de 2022, foi o inverso, a maioria da população que não queria mais a *Constituição de Pinochet* votou: *tampouco queremos esta proposta*. A população deseja um texto progressista, mas não progressista demais. Compreendo, como intelectual, que a rejeição a Constituição de Pinochet, não significava abraçar uma ideia de progressismo. O texto constitucional não era radical, não havia proibições ou liberalizações significativas do ponto de vista comportamental, mas a população chilena é conservadora. Essa marca da ditadura subjetiva, de que não querer mais a ditadura é um aspecto, o outro é pensar que a população se voltou para um perfil progressista, aderente a uma liberdade em termos de discriminação de gênero ou aceitar uma nação plurinacional (Mello, 2022). O segundo intento de rever a Constituição, votamos para delegados que elaborariam a nova Constituição. Ganhou a extrema direita, a direita tradicional e o partido republicano com 65% dos votos. Ganhou a extrema direita total, tipo Bolsonaro ou Milei, e ainda disputam quem é mais de direita ou conservador. A população escolheu aqueles delegados e eles ficaram tão deslumbrados com possibilidade de que a Constituição fosse mais conservadora do que a do Pinochet e então propuseram, vamos fazer um Chile único, Estado único, a família é o cimento da sociedade, respeito pela propriedade privada e a população chilena votou: *está tão pouco queremos* (Heiss, 2023; DW, 2023). Resultado seguimos com a Constituição do Pinochet (Garretón, 2024). Olha o paradoxo! Estão sendo feito muitas reformas nos últimos 50 anos, mas a matriz, as regras gerais são as de Pinochet, a Constituição de 1980. A gente fala que o referendo dessa Constituição foi truque (Serafim et al., 2023). A Constituição passa a ideia de desconfiança do público, tem uma raiz hiperconservadora, baseada na família, na propriedade privada e mercado, antecipando as políticas neoliberais de Estado mínimo. Assim estamos!

Entrevistadora - E o serviço social é um grãozinho no meio disso tudo. Mas quando falei dos tempos históricos, nos anos 1980, o Brasil e a Argentina estavam no momento da redemocratização, no entanto para o serviço social em particular, era um momento a renovação. Com muitas contradições que temos no Brasil avalio que conseguimos avanços relativamente progressistas. O momento da reconceitualização foi vivenciado juntamente com a redemocratização política do país. No Chile, não houve isso. Então como se pode sintetizar a reconceitualização chilena?

Teresa Matus - Posso falar com convicção: na minha avaliação, a reconceitualização no Chile nunca foi demasiado marxista. Senão insuficiente. A reconceitualização do serviço social foi uma adaptação, tipo política partidária. Até hoje penso que um tipo de crítica com fontes marxianas para o serviço social no Chile está por vir. Ao coincidir a reconceitualização com a ditadura, no Chile, resultou em estudantes, professores e funcionários mortos e desaparecidos. Em 2023, passados 50 anos, fizemos no Campus Juan Gómez Millas, da Universidade do Chile, um enorme mural da memória dos mortos e desaparecidos pela ditadura. Portanto, a minha maior honra e todo respeito a essas trajetórias de vida de todas essas pessoas. Mas, conceitualmente, para o serviço social chileno, não significou a época dourada do progressismo. Houve uma reconceitualização fraca, que era mais de consignas (slogans, retórica) do que de convicções com base em estudos dos fundamentos políticos, sociais e econômicos da sociedade. Este processo não trouxe para o mundo chileno do serviço social os conceitos.

O contexto da ditadura e o fechamento da universidade contribuíram para que essa experiência ficasse muito marcada pela perseguição política, mas pouco marcada na trajetória da formação, da reconceitualização, da reinvenção do serviço social. Observe: aqui no Chile, o serviço social ficou 40 anos fechado. E recém reabrimos. Então, o debate mais profundo sobre a profissão, a disciplina, as formas do que fazer é recente e está sendo feito no país. Há uma porção de iniciativas e propostas de avanço importantes — como a rede de pesquisadores do serviço social, os debates entre as escolas — porém ainda não dá para falar de uma reinvenção.

Entrevistadora - Considerando que o estudo do Zé Paulo Netto sobre a reconceitualização brasileira observou três tendências: a fenomenológica, a modernização conservadora e a intenção de ruptura. No Chile é possível identificar, por exemplo, tendências teóricas, metodológicas ou políticas na formação hoje?

Teresa Matus - Foi uma honra, um privilégio, na minha banca de doutorado, contar com José Paulo Netto, Marilda Iamamoto, Yolanda Guerra, Elaine Behring e Carlos Montano. Foi um prazer. Mas o Zé Paulo falou para mim: “Sua tese é brilhante, mas está completamente equivocada.” Eu gosto demais disso, pois falamos, debatemos por cinco horas. Eu acho que essas ideias têm pontos de fuga, porque entendo que o universo crítico do serviço social não é só o universo latino-americano. Então, por isso, não compartilho as divisões que José Paulo faz, porque quando se vê o trabalho social em nível mundial, já não é possível explicar essas três tendências. Hoje há vertentes críticas, não só onde o debate é mais amplo, mas que não obedecem a essas perspectivas. Por exemplo, eu acho que no mundo o serviço social vem se consolidando, com base no pensamento negativo, um pensamento negativo que tem distintos enfoques⁷. Porém, é negativo porque não se pensa em construção, senão em desconstrução; não pensa em verificação, senão em refutação. Não é o caso de pensar como a teoria crítica da Escola de Frankfurt, em sujeitos, senão como sistemas que atravessam os sujeitos, como acontece na legitimação do capitalismo tardio. Então, hoje, não podemos falar: “Eu pertenço a um pensamento crítico” ou “Eu pertenço a um pensamento conservador.” Eu discordo completamente que essas sejam as opções do serviço social contemporâneo. Acredito que são mais densas, complexas e interessantes. Vejo que o pensamento crítico das ciências sociais tem mais fontes do que essas distinções colocadas para entender o desenvolvimento brasileiro do serviço social dos anos 1990 ou 2000. Analisar com essas distinções apenas não faz justiça nenhuma ao serviço social global. Não por uma ideia geográfica, mas pelos debates. Quando fizemos o único Congresso Mundial do Serviço Social aqui no Chile, em 2006, com a presidenta Michelle Bachelet, discutimos tendências desde o marxismo lukacsiano, como o do Zé Paulo; a construção foucaultiana; o funcionalismo; a teoria dos sistemas; as práticas antiopressivas; a vertente tipicamente crítica da Inglaterra e do Canadá; e a teoria crítica de Frankfurt. Com toda essa diversidade de fundamentos, floresce uma forma de pensamento negativo. Não é que se possa conciliar um enfoque com o outro. Não é uma coisa eclética. É radical cada postura, pois assim é a forma de negatividade ser tipicamente moderna. E, portanto, os debates teóricos têm que ir ao profundo, pela simples razão da miséria do mundo. Não podemos pensar que vamos ajudar a discernir ou a fazer alguma agregação de valor às crises que vivemos com um debate conceitual estreito. Eu acho que essas distinções — os conservadores por aqui, os fenomenológicos por lá, e os que ainda apreciamos o marxismo na outra ponta — isso já não dá conta. Não dá conta da realidade da sociedade e nem tampouco dá conta do pensamento crítico contemporâneo. No Departamento de Serviço Social da Universidad de Chile, essas tendências estão presentes de forma radical. É possível reconhecer que todo o corpo acadêmico não se abriga por detrás de uma proposta teórica. Porém, isso não significa que seja qualquer coisa: existe um domicílio conceitual (referências teóricas) que temos de declarar para entrar. São perspectivas críticas, mas é diferente. Nós, professores que configuramos esse departamento, temos feito doutorado em serviço social em diversas partes do mundo. No Brasil, há três: eu, o Victor Orellana e a Paula Vidal. Certamente temos as melhores lembranças. O departamento também tem pessoas que cursaram em outras escolas críticas do mundo — por exemplo, a Taly Reininger na Universidad de Wisconsin-Madison e Universidad de Fordham, Nova York; Carlos Andrade Guzmán no Boston College, Estados Unidos; a Lorena Pérez-Roa na universidade em Montreal, no Canadá; Caterine Galaz Valderrama na Universidad Autónoma de Barcelona; e a Giannina Muñoz Arce na Universidad de Bristol, Inglaterra. Com esse conjunto de professores, selecionamos a crítica em diversas tendências. Porém, a forma de entender a crítica é muito diversa.

Tânia Regina Kruger - Como se comporta o mercado de trabalho e o espaço socio-ocupacional do serviço social no Chile. Ele requer um perfil de formação, um perfil político ou técnico?

Teresa Matus - O perfil que estamos formando é uma aposta. É paradoxal, pois é disruptivo em relação ao mercado de trabalho tradicional do serviço social no Chile. O país enfrenta um déficit conceitual na área:

cerca de 85% dos profissionais foram formados por universidades privadas e apenas 15% por instituições públicas. A Universidade do Chile, por exemplo, esteve fechada por um período, o que contribuiu para que o senso comum sobre o serviço social no país ainda esteja marcado por uma formação predominantemente técnica. Temos uma aposta de fazer uma formação disruptiva com maior densidade conceitual. No entanto, os estudantes do curso de graduação e do mestrado na Universidade do Chile, considerando a retomada em 2015, ainda são em número muito pequeno no mercado de trabalho nacional. Porém posso apostar três coisas: 1) serão profissionais altamente demandados, porque tem respostas muito mais complexas aos fenômenos sociais; 2) estamos apostando em formar para ocupar cargos intermediários, como diretores do departamento de desenvolvimento social dos municípios, por exemplo. Onde não tem serviço social que ocupem o espaço por uma identificação política e qualifiquem o trabalho social; 3) estou segura de que não vão reproduzir o mercado de trabalho tradicional, mas vão abrir novos campos de trabalho. Isso já está acontecendo. Os mais de 300 que já formamos estão se projetando, fazendo doutorado, mas não necessariamente para ser acadêmicos. No país temos 78 escolas de serviço social e menos de 100 doutores em serviço social. É um campo de trabalho enorme⁸. Há espaço profissional no Estado, por exemplo, o presidente Gabriel Boric tem ideias progressistas, porém não tem corpo técnico para implementar as políticas sociais. Para saber implementar o progressismo tem que ter uma cabeça progressista. E uma perspectiva progressista não se improvisa, requer estudo, requerer contemplação, observação, análise, requer um movimento mais lento que a aceleração de partir para o território.

Tânia Regina Krüger - Considerando o perfil de inserção do/as assistentes sociais no mercado de trabalho, observo que quase 80% estão na execução terminal da política social e nos atendimentos individualizados. Estamos muito pouco presente no debate do planejamento, na discussão do financiamento e da gestão. Parece que o profissional de serviço social está inseguro em debater a direção e a gestão da política social com o economista, o sociólogo, o antropólogo, o médico etc.

Teresa Matus - Por isso, o Núcleo faz pressão aos estudantes pois eles não são apenas disciplinares. No próprio departamento temos docentes com formação em economia, história e isso ajuda a dar uma certa densidade na formação. Não é que queremos formar para ser de subsecretários para cima (risos). Mas que no lugar onde estão, na primeira linha de atendimento do município façam uma intervenção diferente. Não estamos formando um técnico para ser gerente. Estamos trabalhando nos hospitais públicos, com associação de municípios e outros espaços porque queremos um profissional com outra paixão, com outra maneira de intervenção. Esperamos que o profissional da primeira linha saiba escrever sobre o contexto de seu trabalho, saiba expor, saiba com quem se comunicar, difundir e trocar experiência em diferentes partes do país. E por isso, os Núcleos com suas linhas de desenvolvimento são mistos com estudantes de graduação, mestrado e doutorado. A produção dos Núcleos está no ar (Co-Laboratório⁹) com acesso gratuito, ciência aberta. Assim o/a estudante pode conhecer cada atividade técnica ou bibliográfica desenvolvida por seu/as professore/as. Não precisa de tanta explicação presencial. Nesse sentido, eu admiro certos doutorados críticos anglo saxões que são *talk*, são conversações e debates. Se estruturam com um grupo de vinte estudantes graduação, mestrado e doutorado com uma linha de desenvolvimento, onde os diferentes professores trabalham e não gastam tempo com exposição dos professores. Possuem como pressuposto que o/as estudantes tenham feito a leitura e, portanto, não passam o tempo escutando. Disso resulta uma mesa de debate densa. Eu estive vendo isso em Toronto e na Universidade de Columbia. São excelentes espaços de formação, porque o/a estudante tem que se convencer, tem que argumentar, tem que expor suas ideias e esse exercício é uma excelente forma de preparar para qualquer terreno sócio-ocupacional. Complementarmente, deve haver mais de 10.000 teses de doutorado do trabalho social em todo mundo, mas ninguém conhece, pois tem ficado para arquivos e coleções. Hoje tem 324 doutorados em trabalho social no mundo e temos um nível de desconhecimento como no século XVI, o de século dos mares. Então, nem sequer eu posso falar o que há, porque desconheço. Temos muito caminho por andar.

Tânia Regina Krüger - Sobre o Núcleo Innovaciones Efectivas en Política Pública¹⁰ que a senhora coordena, gostaria que falasse da experiência e sua perspectiva.

Teresa Matus - Muito obrigada, estou muito animada por essa conversação. A própria ideia inovação tem uma lógica travestida em relação ao sistema. Porque no Chile a inovação é como um abracadabra, você fala em inovação e a porta se abre. Esta inovação é para entender que o desperfeito é o sistema existente de proteção social dirigido à infância e à adolescência, por exemplo. Vamos publicar dois livros, depois de várias pesquisas, um deles se chama inovar desde a falha. As pessoas não têm falhas. Do ponto de vista de um pensamento religioso, somos todos filhos de Deus. Com base no Estado democrático moderno, somos todos cidadãos.

Neste sentido somos todos sujeitos de dignidade, com direitos humanos. Então, a falha não está nas pessoas, a falha está na oferta dos serviços sociais. Em nossa sociedade as pessoas são caracterizados ou possuem status social vinculado ao lugar de nascimento, as possibilidades de estudar, a atenção a saúde que recebe, o tipo de trabalho, as distâncias que percorrem da casa ao trabalho, entre outros. Temos que mostrar essas deficiências e diferenças. Por exemplo, o Índice de Gini, como medidor das desigualdades, esconde as assimetrias das ofertas sociais, não revela os extremos que quem recebe os piores e difíceis serviços públicos (a pior oferta social), são os que vão para os serviços de saúde às 5h da manhã, as pessoas que morrem porque em 3 anos não lhe chamaram para operar. Então, a proposta desse Núcleo, no sentido do Benjamin, inovar é entender as expectativas não cumpridas. A proposta é expor, mostrar e desvelar o conjunto de problemas sociais. Se melhorar a oferta dos serviços públicos, ainda fica a enorme tarefa política com a sociedade que não se reconhece como corresponsável pela situação socioeconômica e cultural. Isso abre uma tarefa para o serviço social que tem de denunciar as ordinárias ofertas. Por exemplo, o apoio as pessoas que se queimaram no incêndio de Valparaíso e Vina del Mar no verão de 2024, chegou completamente descoordenado. Primeiro, entregaram a cozinha e não se entregou nenhuma solução habitacional para o período de chuva. Em relação a tarifa elétrica que subiu, a resposta do governo é que eles têm de comprovar para saber se serão beneficiadas com o subsídio. Estas pessoas estão em situação horrível. Porém minha convicção é de que com como nosso trabalho não acrescentamos nelas a subjetividade que são autorresponsáveis pelo lugar onde estão na sociedade. Mostremos para elas a situação, não é somente uma tarefa técnica, senão uma tarefa política, falar que a sociedade está feita para eles estejam naquele lugar. Não é fortalecer determinadas concepções, como fala a direita, que eles podem eleger onde educar os filhos, o lugar da cidade para morar, o trabalho a fazer e a uma previdência sem fraternidade, sem solidariedade. Na minha avaliação esta parte da população é a mais ferrada (*sic*). A tarefa não é só exigir do Estado como das fundações da sociedade civil. Às vezes as empresas são total e completamente responsáveis pela permanência das pessoas neste lugar.

Avalio a possibilidade de usar esse fetiche da inovação para fazer uma tarefa crítica. Então o que posso fazer na rua, no sistema de proteção da infância, nos cárceres é desvelar esse mecanismo, colocar como chão a garantia universal de direito, que no Chile não existe e não existe apesar dos governos com perfil social-democrata. O próprio presidente Boric não tem maioria na câmara dos deputados e nem no senado. Ele impulsiona estas propostas social-democratas, porém não tem recursos com esta câmara. Então a tarefa é desvelar as pessoas as causas de como elas chegaram naquela situação e também tornar tais informações públicas. Junto com isso, trabalhar para estender e melhorar as ofertas.

Entrevistadora - Mas na graduação e na pós-graduação como trabalhar isso pedagogicamente. Como é a rotina de estudo, de campo ou leituras?

Teresa Matus - Todo o corpo docente do departamento é pesquisador/a. Quando o/a pesquisador/a é contemplado com financiamento de projetos toda equipe ganha e se amplia a formação. Sabe esses grupos de ciclistas de montanha, por exemplo, um fica cortando o vento, mas depois pode passar a segunda fila. Então agora com o Co-laboratório sempre tem pesquisa, não significa que eu tenho que ganhar sempre os editais de financiamento. Cada um/a tem uma produção de pesquisa crítica em relação aos seus temas, logo participam o/as estudantes do terceiro, quarto e quinto ano nessa discussão. O/as docentes fazem disso suas práticas e dessa forma não há diferenciação profunda entre a lógica e o trabalho de campo. Se vai ao campo pensando nos estudos e debates do Núcleo. Estamos terminando um projeto importante com o Ministério do Desenvolvimento Social que se chama inovar, desde a falha¹¹. Nesse trabalho o melhor capítulo do livro escreveram estudantes do terceiro ano. Não é que os estudantes tomaram a ponta, mas foram integrados na proposta do projeto, estudaram e foram sentindo a complexidade do sistema em um dado território lá no município de Valparaíso. Nisso não se coloca ideia romântica nenhuma, mas por meio do Núcleo se faz o desvelamento da precariedade, dos altos níveis de risco da população e também desvela as ordinárias políticas públicas. No Chile, temos a lei de garantia integral de proteção à infância e não tem financiamento. A reinserção pós-carcerária tem só 00,2 de orçamento da seguridade. Até o presidente Boric está falando que precisamos de mais cárceres no Chile. Do nosso ponto de vista, é crucial uma matéria falar que o desajustado são as ofertas e não são as pessoas. As pessoas sofrem e estão numa armadilha. Temos que mostrar a elas esse mecanismo e entendendo ser este o trabalho da primeira linha. Temos de desconstruir crenças que dominam a visão de muito/as técnico/as e governos que os sujeitos possuem algum defeito pessoal ou que fizeram escolhas erradas na vida.

Mas para o/as usuário/as das políticas sociais é pouca a margem de possibilidade de ultrapassar seu contexto estrutural e conjuntural. Então essa é a ideia do Núcleo e nesse sentido o Co-laboratório tem seu irmão gêmeo a inovação. No Chile a ideia de inovação é a ideia de empreendimento, mas a nossa ideia de inovação é para expor as deficiências dos propósitos públicos. Gosto de brincar com os conceitos. Se vivesse no século XV ensinaria alquimia. Temos que mostrar algo e usar a palavra mágica para que alguém no mundo público preste atenção. A palavra hoje aqui no Chile é inovação. Assim nos últimos 15 anos tenho apresentado reflexões ao ministro de ciência e agora eu mostro o Co-laboratório. O objetivo do Co-laboratório é dar fundamentos para falar com seu banco de indicadores e dados sociais da pobreza, da desigualdade e do funcionamento das políticas sociais. Foi uma baixaria muito grande, no governo do presidente Pinheira, na crise de pandemia, pois se via a ministra do desenvolvimento social fazendo caixas com alimentos. Isso foi no século XIX com os padres nas igrejas ou no hospital. Mas essa foi a atenção à pobreza dada pelo presidente Pinheira em 2020. Todo mundo fazendo caixas!

Entrevistadora - E do outro lado dizendo que era uma gripezinha no Brasil. Mas sobre a inovação esta palavra mágica é muito vinculada à perspectiva ultraliberal e gerencialista. Usamos o termo vulnerabilidade que nos chegou via Banco Mundial. Esses termos são adotados pelas políticas públicas e os profissionais reproduzem de maneira acrítica.

Teresa Matus - Completamente. Não se fala mais em pobreza, desenvolvimento e segurança. Antes se falava em países incluídos e excluídos, subdesenvolvidos e desenvolvidos. Já desapareceu essa ideia de Estado. E a mudança é pela saída do indivíduo da situação de risco. Por isso eu gosto de fazer uma crítica travestida. Aqui no Chile tem duas grandes figuras da pátria, o Bernardo O'Higgins, que foi o primeiro presidente ditador, que chamam de o Libertador e Manuel Rodrigues. Este era o homem que se disfarçava para fazer explodir coisas. Eu acho que se você fala, por exemplo, para um governo, uma política pública abrindo seu coração não terá sucesso nenhum. Mas se fazer algo de mágica, metamorfoseando sua linguagem tem chance que lhe escute ou aprove seu projeto. Imagina todos esses alunos formados desse modo. É uma ótima possibilidade.

Entrevistadora - No Brasil usamos a expressão questão, mas aqui se repete muito a expressão muito complexo, inclusive no regulamento da pós-graduação do mestrado. Qual a diferença do uso da expressão complexo no senso comum e na academia?

Teresa Matus - A complexidade é o sinônimo de dificultoso e, portanto, é algo que supera meu entendimento. A outra possibilidade é que não se pode fazer ofertas subcomplexas, do tipo entregar caixas ou apenas buscar albergues para que as pessoas não morram de frio. Claro que é preciso fazer e atender. Mas só isso vai perpetuar e fazer com que as pessoas sigam vivendo nas ruas, que continue a explosividade de habitações precárias. Desse modo, se perde de vista os direitos, a dignidade e se perde o que as pessoas merecem pelo fato de existir. Não pode existir vidas precárias, por isso a ideia de que os serviços não podem ser ofertados em baixa complexidade. Por exemplo, se uma mulher no jogo do tráfico sair do cárcere, aqui no Chile, a possibilidade de reinserção é de 00,2%. Não é que essa senhora represente o nível de complexidade, mas sua reinserção social é complexa. Esse sistema é ordinário, pois na sua lógica a mulher tem que ficar encarcerada para sempre. Porque se não for atendida pelo serviço público e com possibilidade práticas de reinserção social, quem vai lhe ofertar trabalho em dois dias serão os traficantes. Desafios e contradições sociais!

Entrevistadora – Desigualdade.

Teresa Matus - Isso é a dialética do amo e do escravo, eu não posso me comprometer com o amo, porque o amo precisa de escravo. Então, a dialética não pode propor superações, soluções, pode iluminar contradições. Não apenas uma relação direta problema-solução. Não somos uma máquina de lavar, onde se joga dentro a roupa suja e sai a roupa limpa. Nessa lógica as soluções são miseráveis. O trabalho social tem que expor essas contradições e para fazer isso, o pensamento negativo é fundamental. Algumas interpretações de Marx, — saliento a ideia de “algumas” — há necessidade de uma experiência de libertação para poder se libertar. Na expressão negativa muita gente tem mais possibilidades de ter experiência de opressão que de libertação no trabalho e na vida cotidiana. Por exemplo, a ideia de um domingo feliz é quando se vai a um shopping e compra uma expectativa. Parte da população chilena é assim, se não se comporta dessa forma é esnobe, se não gosta do telefone tal ou não gosta de ir a um shopping fica parecendo uma pessoa estranha. O trabalho social também deve mostrar isso e revelar o desencanto. Tem que trabalhar com esse desencanto, com a ideia de que estamos encerrados nos circuitos, assim como o Richard Sennett mostrava.

Entrevistadora - Pensando no serviço social o seu desafio é intelectual, é técnico, exige pesquisa, exige diálogo com as outras áreas do conhecimento.

Teresa Matus - Totalmente. Não é só uma retórica, é como fazer implementação, um processo que ilumine as contradições, não apenas uma crítica travestida.

Entrevistadora – Professora Teresa Matus, agradeço sua atenção, disponibilidade e oportunidade, em sua sala de decana da FACSU/UCHile, de conversar sobre assuntos tão importantes para os estudos da formação e intervenção do serviço social chileno e latino-americano. Espero que a entrevista desperte novas pesquisas sobre o tema e os desdobramentos para os novos 100 anos de vida do serviço social.

Referências

- DW. Chile rejeita segunda proposta de nova Constituição. Política, Chile, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/chile-rejeita-segunda-proposta-de-constitui%C3%A7%C3%A3o-e-texto-da-era-pinochet-segue-em-vigor/a-67748786>. Acesso em: 19 out. 2025.
- FACSU UCHILE. O trabalho social em cada crise se reinventa, esta é a história do serviço social. *In: Reapertura de Trabajo Social en la Universidad de Chile* Subtitulado. YouTube, 19 jul. 2017. (1 vídeo, 13:25). Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=hC8ur0FsuaE&t=741s>. Acesso em: 19 out. 2025.
- GARRETÓN, M. A. A cinco años del estallido social: “Estamos en un país sin proyecto”. *Diario UChile*, 16 out. 2024. Disponível em: https://radio.uchile.cl/2024/10/16/manuel-antonio-garreton-a-cinco-anos-del-estallido-social-estamos-en-un-pais-sin-proyecto/?fbclid=IwY2xjawF83FZleHRuA2FlbQIxMAABHU0RIQITgZdyturlJPDXi9eYOq57fNt2MSK0sCLhr1nLXPXUk_mSUGQeXg_aem_1ITl6N3ns0vc0xKQneHhIA. Acesso em: 19 out. 2025.
- HEISS, C. El proceso constituyente en Chile: entre la utopía y una realidad cambiante. *Nueva Sociedad*, 305, mayo/jun. 2023. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/305-proceso-constituyente-chile/>. Acesso em: 19 out. 2025.
- HONNETH, A. Crítica del agravio moral: patologías de la sociedad contemporánea. Edición literaria de Gustavo Leyva; prólogo de Miriam Mesquita Sampaio de Madureira. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009. 464 p. Disponível https://fce.com.ar/wp-content/uploads/2020/11/Honneth.pdf?srsid=AfmBOoq9BaqVrmJ5VGc7PuBetxd_G1IZLG64ZpeSZEPP4-j9dwwkOMkU. Acesso em: 20 out. 2025.
- FERREIRA, C. M. O negro na gênese do serviço social (Brasil, 1936-1947). 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/759425.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.
- PICHEL, M. Chile aprova plebiscito histórico: por que é tão polêmica a Constituição que 78% dos chilenos decidiram trocar. *BBC News Mundo*, 26 out. 2020. Disponível <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54689493>. Acesso em: 20 out. 2025.
- MELLO, M. Constituinte do Chile apresenta nova Carta Magna nesta segunda; veja detalhes. *Brasil de Fato*, 04 jul. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/04/constituente-do-chile-apresenta-nova-carta-magna-nesta-segunda-veja-detalhes>. Acesso em: 20 out. 2025.
- MATUS, T. Aportes del concepto de interpenetración a los debates de las políticas públicas en América Latina. *Revista MAD*, n. 33, p. 42–63, 2015.
- SERAFIM, A.; BRAGA, C.; VARUNA, I.; MARIA, F.; CORREA, J.; CLERES, J.; AMORIM R.; TÁVORA, F. Constituição do Chile de 1980 e assembleia constituinte da nova carta constitucional. *Revista Mundo Acadêmico*, abr. 2023, v. 1, p. 158. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20230519230552.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.
- URQUIETA, A.; MATUS, T.; ABARCA, M.G. Co-Laboratorio de Investigación en Ciencias Sociales. Universidad de Chile, 2024. Disponível em: <https://colaboratoriocienciasociales.uchile.cl/>. Acesso em: 19 out. 2025.

Notas:

- ¹ O conjunto das produções em livros, revistas e projeto de pesquisa da entrevistada podem ser localizadas no <https://orcid.org/0000-0002-2974-9678>.
- ² A entrevista foi realizada pessoalmente e gravada. A conversa ocorreu em português, espanhol e portunhol. O apoio na transcrição de aplicativo de inteligência artificial não resultou em texto de boa qualidade. Nesse sentido a transcrição foi manual e a tradução livre da entrevistadora.
- ³ Aqui a entrevistada remete a Honneth (2009).

- ⁴ A UCISS (União Católica Internacional de Serviço Social), fundada em 1922, é lembrada por José Paulo Netto (2007) como um exemplo da capacidade articuladora e coesionadora da Igreja. Tal capacidade “revelou-se extraordinariamente na medida em que ela [a Igreja] não se limitou a disputar vigorosamente a direção ideológica do processo de profissionalização, mas especialmente empenhou-se em garanti-la mediante um dispositivo organizativo de incidência macroscópica” (Netto, 2007, p. 71). A incidência macroscópica da Igreja revela-se também em outros países da América Latina: a primeira escola de serviço social do Chile foi fundada em 1925 pelo médico Alejandro Del Río e tem origem mais ligada à ação do Estado. Porém, a escola mais citada na revista *Serviço Social* é a Escola Elvira Matte de Cruchaga, organizada a partir de 1929, a primeira escola católica chilena de serviço social. Essa última escola citada levou a efeito “uma estratégia de continentalização da influência católica na criação das escolas de serviço social” (Castro, 2000, p. 72). Como afirma Manuel Manrique Castro (2000), a organização da Escola Elvira Matte de Cruchaga foi uma espécie de trampolim para a Igreja Católica na organização do serviço social latino-americano. Sua criação está intimamente vinculada à influência internacional da Igreja, em torno da qual se condensam múltiplos elementos de uma estratégia que transcende largamente as fronteiras dos propósitos específicos para os quais foi fundada (Castro, 2000, p. 77). Essa escola católica recebeu da UCISS (União Católica Internacional de Serviço Social) a tarefa de fomentar o serviço social católico na América Latina, estando envolvida na organização de escolas no Uruguai, Colômbia, Argentina, Peru e Venezuela. Foi essa origem católica de diversas escolas pela América Latina que motivou, de acordo com Manuel Manrique Castro (2000), a primeira forma de intercâmbio interamericano do serviço social (Ferreira, 2010).
- ⁵ Doctora en Trabajo Social, Universidad Federal de Rio de Janeiro. Doctora en Sociología IUPERJ Universidad Cándido Mendes Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://facso.uchile.cl/trabajo-social/cuerpo-academico-departamento-de-trabajo-social/teresa-matus.html>. Acesso em: 11 out 2024.
- ⁶ Consultar NÚCLEOS I+D+i - Investigación - Desarrollo - Incidencia Pública. *Los núcleos I+D+i son una apuesta de innovación pedagógica de Trabajo Social de la Universidad de Chile, que se funda tanto en la propuesta de Asociatividad de la Facultad de Ciencias Sociales como en los avances de destacados Centros de investigación y formación de Trabajo Social a nivel internacional y el modelo de Investigación de Alta integración concebida por el CNID (Centro Nacional para la Innovación y el Desarrollo). Configuran una forma de investigación, intervención social y desarrollo transdisciplinar, donde académicos de diversas líneas de conocimiento, estudiantes de pre y posgrado, junto a equipos profesionales, trabajan participativamente en pos de un objetivo conjunto generando un programa de trabajo de 1 a 3 años, donde se desarrollan proyectos específicos que contienen un objetivo de impacto a nivel de la esfera pública, con relación a fenómenos sociales determinados. Así, se consigue enfrentar con nuevas formas el viejo desafío de comprender la complejidad social desde una perspectiva participativa y desarrollar formas de producción de conocimiento mediante investigaciones de I+D+i, que se desplieguen en diversos ámbitos del Trabajo Social.* Disponível em: <https://trabajosocial.uchile.cl/nucleos.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- ⁷ Sobre o pensamento negativo ou dialética negativa cf. Matus (2015).
- ⁸ Sobre a formação em serviço social no Chile segundo tipo de instituição formadora: a) Universidades: 107; b) Institutos Profesionales: 208; c) Centros de formación técnica: 111. Total de programas: 426. “Si comparamos el campo del Trabajo Social con el de otras profesiones que también son dictadas en distintas entidades de educación superior, tenemos que Trabajo Social es el campo más masificado en el país [...] si observamos que la mencionada ley 20054 otorga los mismos privilegios y estatus a quienes se han titulado desde universidades e institutos profesionales, ya que en su artículo transitorio primero establece que: “Los Trabajadores Sociales y los Asistentes Sociales egresados y titulados en Institutos Profesionales y los que, a la fecha de la publicación de esta ley, se encuentren cursando sus estudios en dichos Institutos, tendrán los mismos derechos, estatus y calidades que aquellos profesionales que cursen sus estudios en Universidades, excepto el grado de licenciado.” (Olivares, 2017).
- ⁹ Es un sistema abierto que divulga la producción científica de investigadoras/es de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Chile. Busca reconocer sus trayectorias e impulsar una gestión del conocimiento en lógica colaborativa, abierta y transdisciplinar (Urquieta; Matus; Abarca, 2024).
- ¹⁰ Sobre o Núcleo cf. <https://trabajosocial.uchile.cl/nucleos.html> e https://trabajosocial.uchile.cl/nucleo_niepp.html
- ¹¹ Conceito que emerge da teoria dos sistemas sociais em Niklas Luhmann. Em português o autor alemão possui entre as obras traduzidas: O Direito da Sociedade; Teoria dos sistemas na prática v. I; Teoria dos sistemas na prática: Diferenciação funcional e modernidade, v. II; Teoria dos sistemas na prática: História, semântica e sociedade, v. III.

Tânia Regina Krüger

tania.kruger@ufsc.br

Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco.

Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSS/UFSC)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/nº – Trindade
Florianópolis, Santa Catarina. Brasil
CEP: 88035-972

Agradecimentos

Não se aplica.

Agência financiadora

Atividade vinculada a inscrição e aprovação no Edital 27/2023 PROPG/UFSC, seleção e candidato/as a cotas remanescentes de professor/a visitante no exterior sênior PRINT/CAPES.

Contribuições da autora

A autora entrevistadora é responsável pela elaboração das questões, condução da entrevista, transcrição, revisão e elaboração desta publicação.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação

Não se aplica.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Não se aplica.

Consentimento para publicação

A autora consente a publicação do presente manuscrito.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Editores Responsáveis

Mailiz Garibotti Lusa – Editora-chefe
Jaime Hillesheim – Comissão Editorial